



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





ARIANA, a mulher  
DE VINICIUS DE MORAES

Peto o Novo,

este prelo, feito das flores  
e misérias do "dôr",

o Vinicius

Nov. 1937.

*Foram tirados 300 exemplares  
em papel Hollanda, numerados  
de 1 a 300 em edição fóra do  
comercio.*

**A**

**José Arthur da Frota Moreira**

— em lembrança



**Q**UANDO, aquela noite, na sala deserta daquela casa cheia da montanha  
em torno

O tempo convergiu para a morte e houve uma cessação estranha seguida de  
um debruçar do instante para o outro instante

Ante o meu olhar absorto o relógio avançou e foi como si eu tivesse me iden-  
tificado a ele e estivesse batendo soturnamente a Meia-Noite

E na ordem de horror que o silêncio fazia pulsar como um coração dentro  
do ar despojado

Eu senti que a Natureza tinha entrado invisivelmente através as paredes  
e se plantara aos meus olhos em toda a sua fixidez noturna

E que eu estava no meio dela e á minha volta havia arvores dormindo e  
flores desacordadas pela treva.



**C**OMO que a solidão traz a presença invisível de um cadaver — e para mim era como si a Natureza estivesse morta

Eu aspirava a sua respiração acida e presentia a sua deglutição monstruosa  
mas para mim era como si ela estivesse morta

Paralisada e fria, imensamente erguida em sua sombra imóvel para o céu  
alto e sem lua

E nenhum grito, nenhum sussurro de água nos rios correndo, nenhum éco  
nas quebradas êrmas

Nenhum desespero nas lianas pendidas, nenhuma fome no mucro aflorado das  
plantas carnívoras

Nenhuma voz, nenhum apelo da terra, nenhuma lamentação de folhas, nada.



**E**M vão eu atirava os braços para as orquideas insensíveis junto aos  
lirios inermes como velhos falus

Inutilmente corria cego e cabeceante por entre os troncos cujas parasitas  
eram como a miséria da vaidade senil dos homens

Nada se movia como si o medo tivesse matado em mim a mocidade e gelado  
o sangue capaz de acorda-los

E já o suor corria do meu corpo e as lágrimas dos meus olhos ao contáto  
dos cactus esbarrados na alucinação da fuga

E a loucura dos pés parecia galgar lentamente os membros em busca do  
pensamento

Quando eu caí no ventre quente de uma campina de vegetação húmida e  
sobre a qual afundei minha carne.



**F**OI então que eu compreendi que só em mim havia a morte e que tudo  
estava profundamente vivo

Só então vi as folhas caindo, os rios correndo, os troncos pulsando, as flores  
se erguendo

E ouvi os gemidos dos galhos tremendo, dos gineceus se abrindo, das bor-  
boletas noivas se finando

E tão grande foi a minha dôr que angústiosamente eu abracei a terra como  
si quizesse fecunda-la

Mas ela me lançou fóra como si não houvesse força em mim e como si ela  
não me desejasse

E eu me vi só, nú e só, e era como si a traição tivesse me envelhecido éras.



**T**RISTEMENTE me brotou da alma o branco nome da Amada e eu murmurei — Ariana!

E sem pensar eu caminhei tropego como a visão do Tempo e murmurava — Ariana!

E tudo em mim buscava Ariana e não havia Ariana em nenhuma parte.

Mas si Ariana era a floresta porque não havia de ser Ariana a terra?

Si Ariana era a morte porque não havia de ser Ariana a vida?

Porque? — si tudo era Ariana e só Ariana havia e nada fóra de Ariana?



**B**AIXEI á terra de joelhos e a boca colada ao seu seio disse muito docemente — Sou eu, Ariana...

Mas eis que um grande passaro azul desce e canta aos meus ouvidos — Eu sou Ariana!

E em todo o ceu ficou vibrando como um hino o muito amado nome de Ariana.

Desesperado eu me ergui e bradei: Quem és que te devo procurar em toda a parte e que estás em cada uma?

Espirito, carne, vida, sofrimento, serenidade, morte, porque não serias uma?

Porque me persegues e me foges e porque me cegas si me dás uma luz e restas longe?



**M**AS nada me respondeu eu prosegui na minha peregrinação através a  
campina

E dizia: Sei que tudo é infinito!—e o pio das aves me trazia o grito dos  
sertões desaparecidos

E as pedras do caminho me traziam os abismos e a terra seca a sede nas  
fontes.

No entanto era como si eu fosse a alimaria de um anjo que me chicoteava

— Ariana!

E eu caminhava cheio do castigo e em busca do martirio de Ariana

A branca Amada salva das aguas e a quem fôra prometido o trono do  
mundo.

**E** eis que galgando um monte surgiram luzes e após janelas iluminadas  
e após cabanas iluminadas

E após ruas iluminadas e após lugarejos iluminados como fós no mato  
noturno

E grandes redes de pescar secavam ás portas e se ouvia o bater das forjas.

E eu perguntei: Pescadores, onde está Ariana? — e eles me mostravam o  
peixe

Ferreiros, onde está Ariana? — e eles me mostravam o fogo

Mulheres, onde está Ariana? — e elas me mostravam o sexo.



**M**AS logo se ouviram gritos e dansas, e gaitas tocavam e guizos batiam  
Eu caminhava, e aos poucos o ruído ia se alongando á medida que eu pene-  
trava na savana

No entanto era como si o canto que me chegava entoasse— Ariana!

E eu pensei: Talvez eu encontre Ariana na Cidade de Ouro! porque não  
seria Ariana a mulher perdida?

Porque não seria Ariana a moeda em que o obreiro gravou a effigie de  
Cesar?

Porque não seria Ariana a mercadoria do Templo ou a purpura bordada do  
altar do Templo?



**E** mergulhei nos subterrâneos e nas torres da Cidade de Ouro mas não  
encontrei Ariana

A's vezes indagava — e um poderoso fariseu me disse irado: Cão de Deus,  
tu és Ariana!...

E talvez porque eu fosse realmente o Cão de Deus eu não compreendi a  
palavra do homem rico

Mas Ariana não era a mulher, nem a moeda, nem a mercadoria, nem a  
purpura

E eu disse comigo: Em todo lugar menos que aqui estará Ariana

E eu compreendi que só onde cabia Deus cabia Ariana.



**E**NTÃO cantei : Ariana, chicote de Deus castigando Ariana ! e disse muitas  
palavras inexistentes

E imitei a voz dos passaros e espesinhei sobre a urtiga mas não espesinhei  
sobre a cicuta santa

Era como si um raio tivesse me ferido e corresse desatinado dentro das  
minhas entranhas.

As mãos em concha, no alto dos morros ou nos vales eu gritava — Ariana!

E muitas vezes o éco ajuntava : Ariana... ana...

E os trovões desdobravam no ceu a palavra — Ariana.



**E** como a uma ordem estranha, as serpentes saiam das tocas e comiam  
os ratos

Os porcos endemoninhados se devoravam, os cisnes tombavam cantando  
nos lagos

E os corvos e os abutres caíam feridos por legiões de aguias precipitadas

E misteriosamente o joio se separava do trigo nos campos desertos

E os milharais descendo os braços trituravam as formigas no solo

E envenenadas pela terra decomposta as figueiras se tornavam profunda-  
mente secas.



**D**ENTRO em pouco todos corriam a mim, homens varões e mulheres des-  
posadas

Umias me diziam: Meu senhor, meu filho morreu! e outras eram cegas e  
paralíticas

E os homens me apontavam as plantações estorricadas e as vacas magras.

E eu dizia: Eu sou o Enviado do Mal! e imediatamente as crianças morriam

E os cegos se tornavam paralíticos e os paralíticos cegos

E as plantações se tornavam pó que o vento carregava e que sufocava as  
vacas magras.



**M**AS como quizessem me correr eu falava olhando a dor e maceração dos  
corpos

Não temas, povo escravo! A mim me morreu a alma mais do que o filho  
e me assaltou a indiferença mais do que a lepra

A mim se fez pó a carne mais do que o trigo e se sufocou a poesia mais  
do que a vaca magra

Mas é preciso! para que surja a Exaltada, a branca e serenissima Ariana

A que é a lepra e a saúde, o pó e o trigo, a poesia e a vaca magra

Ariana, a mulher — a mãe, a filha, a esposa, a noiva, a bem-amada.



**E** á medida que o nome de Ariana resôava como um grito de clarim nas  
faces paradas

As crianças se erguiam, os cegos olhavam, os paralíticos andavam me-  
drosamente

E nos campos dourados ondulando ao vento, as vacas fortes mugiam para  
o ceu claro

E um só clamor saía de todos os peitos e vibrava em todos os labios —  
Ariana!

E uma só musica se extendia sobre as terras e sobre os rios — Ariana.

E um só entendimento iluminava o pensamento dos poetas — Ariana.



**A**SSIM, coberto de benções, eu cheguei a uma floresta e me sentei ás  
suas bordas — os regatos cantavam lípidos

Tive o desejo súbito da sombra, da humildade dos galhos e do repouso das  
folhas secas

E me aprofundi na espessura funda cheia de ruídos e onde o misterio pas-  
sava sonhando

E foi como si eu estivesse procurado e sido atendido — vi orquídeas que  
eram camas doces para a fadiga

Vi rosas selvagens cheias de orvalho, de perfume eterno e boas para matar  
a sede

E vi palmas gigantescas que eram leques para afastar o calor da carne.



**D**ESCANSEI — por um momento senti vertiginosamente o humus  
fecundo da terra

A pureza e a ternura da vida nos lírios altivos como falus de príncipes

A liberdade das lianas prisioneiras, a serenidade das quedas se despe-  
nhando.

E mais do que nunca o nome da Amada me veio e eu murmurei o apelo —

Eu te amo, Ariana!

E o sono da Amada me veio aos olhos e eles cerraram a visão de Ariana

E o meu coração poz-se a bater pausadamente doze vezes o sinal cabalístico  
de Ariana...



.....

Depois um gigantesco relógio se precisou na fixidez do sonho, tomou forma

e se situou na minha frente parado sobre a Meia-Noite

Vi que estava só e que era eu mesmo e reconheci velhos objetos amigos.

Mas passando sobre o rosto a mão gelada senti que chorava as puríssimas

lágrimas de Ariana

E que o meu espírito e o meu coração eram para sempre da branca e sere-

níssima Ariana

No silêncio profundo daquela casa cheia da montanha em torno.

Maio, 1935.









